

Gestos de cuidado: dimensão necessária ao processo de alfabetização filosófica!*

Gestos de cuidado: ¡dimensión necesaria del proceso de alfabetización filosófica!

Care gestures: necessary dimension of the philosophical literacy process!

Ana Corina Salas Correa  

Maria Reilta Dantas Cirino  

Resumo

Em 2022, uma equipe de professores e professoras do Núcleo de Estudos de Filosofias e Infâncias - NEFI, da UERJ realizou a primeira alfabetização filosófica em Pau dos Ferros, RN. Paulo Freire foi a inspiração, a sua vida e prática educativa, o seu projeto-piloto de alfabetização que realizou em 1963, na cidade de Angicos, RN, próximo de Pau dos Ferros. A partir desta experiência surge a questão: o que faz com que uma alfabetização filosófica possa receber esse nome? No texto, escrito de forma narrativa com perguntas que interpelam a quem é docente, coloca atenção na forma, nos *comos* ou modos que foram cuidados para desenvolver essa formação. Não se pretende definir o método para fazer uma alfabetização filosófica, pelo contrário, também com Freire (2013), se afirma que não existe método preestabelecido para isto.

Palavras-chave: Formação docente; Invenção; Paulo Freire; Rio Grande do Norte.

Abstract

In 2022, a group of teachers from the Núcleo de Estudos de Filosofias e Infâncias - NEFI, of the State University of Rio de Janeiro (UERJ), held the first philosophical literacy course in Pau dos Ferros, RN. The inspiration was Paulo Freire - his life and educational practice, the pilot literacy project that he carried out in 1963, in the city of Angicos, RN, near Pau dos Ferros. From this experience a question arises: what makes philosophical literacy receive this name? In the text, written in a narrative form with questions that challenge those who are teachers, attention is placed on the form, on the *hows* or ways that were taken to develop this training. It is not intended to define the method to create philosophical literacy; on the contrary, also with Freire (2013), it is stated that there is no pre-established method for this.

Keywords: Teacher training. Invention. Paulo Freire. Rio Grande do Norte (Brazil).

Resumen

En 2022, un equipo de docentes del Núcleo de Filosofías y Estudios de la Infancia - NEFI, de la UERJ realizó el primer curso de alfabetización filosófica en Pau dos Ferros, RN. Paulo Freire fue la inspiración, su vida y práctica educativa, su proyecto piloto de alfabetización que realizó en 1963, en la ciudad de Angicos, RN, cerca de Pau dos Ferros. De esta experiencia surge la pregunta: ¿Qué hace que una alfabetización filosófica pueda recibir ese nombre? En el texto, escrito de forma narrativa con preguntas que interpelan a quienes son docentes, se coloca la atención en la forma, en los '*cómos*' o en los caminos que se tomaron para desarrollar esta formación. No se pretende definir el método para crear una alfabetización filosófica, al contrario, también con Freire (2013), se afirma que no existe un método preestablecido para ello.

Palabras clave: Formación docente. Invención. Paulo Freire. Río Grande del Norte.

* O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Um, dos possíveis começos...

Assim, somos eternamente responsáveis pela história que fazemos, pois é no presente que projetamos os ancestrais que seremos e, também, é nessa eternidade que prestamos conta para os ancestrais que vivem agora e os mortos-viventes. (Flor, 2018, p. 587).

Em junho de 2022, uma equipe de professoras e professores do Núcleo de Estudos de Filosofias e Infâncias (NEFI), do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), ofereceu um curso em Alfabetização Filosófica na cidade de Pau dos Ferros, no interior do Rio Grande do Norte (RN). O curso foi parte da Formação Inicial do Projeto de Alfabetização “Supera, RN” promovido pela 15ª Diretoria Regional de Educação e Cultura (DIREC).

O “Supera, RN” fez parte da Política de Superação do Analfabetismo de Jovens e Adultos no Rio Grande do Norte - RN. O RN é um dos estados do Brasil com o maior número de pessoas analfabetas¹. Estado em que Paulo Freire em 1963, com uma equipe de professores e professoras, desenvolveu um projeto-piloto de alfabetização com um grupo de mais de 300 trabalhadoras e trabalhadores, o qual ficou conhecido internacionalmente como “As quarenta horas de Angicos”.

Inspirada em Paulo Freire, a equipe de professores e professoras do NEFI/UERJ, não ofereceu uma alfabetização nos moldes da experiência das 40 horas coordenadas por Paulo Freire em 1963, senão uma alfabetização filosófica a mais de 200 pessoas, futuras alfabetizadoras da Região, selecionadas pela 15ª DIREC. A alfabetização filosófica, em Pau dos Ferros, teve também duração de 40 horas, a qual aconteceu durante cinco dias, 8 horas por dia, a maioria do tempo, simultaneamente, em cinco grupos de aproximadamente 40 pessoas.

Em diálogo prévio com os professores e professoras cursistas, o grupo do NEFI/UERJ, já tentava instigar a pensar sobre esses dois termos: alfabetização e alfabetização filosófica:

Você já deve ter percebido uma grande diferença entre os dois cursos: a alfabetização passou a ser uma alfabetização filosófica. E o que significa 'alfabetização filosófica'? É algo complexo, como todas as palavras. Às vezes pensamos que sabemos o que significam as palavras, mas basta que as olhemos mais de perto e já não parecem tão simples. Vejamos, por exemplo, 'alfabetização'. Parece fácil, não parece? Alguém diria: 'alfabetizar é ensinar a ler e escrever'. Será? Alguém perguntaria: 'ensinar ou ajudar a aprender?'. Outra perguntaria: 'ler e escrever o quê? Palavras? O mundo?'. Outro questionaria: 'Como sei que estou lendo? Ler é dizer palavras em voz alta? Conhecer-las? Compreendê-las criticamente? Inventá-las?' Poderíamos continuar, mas você já deve ter percebido o significado complexo da alfabetização.

Imagine então 'alfabetização filosófica'!!! Porque para todas as complexidades da alfabetização, temos que somar as que vêm quando se trata de uma alfabetização 'filosófica'. Como definir o que faz com que algo seja filosófico? A filosofia é uma relação com o saber? Ela se nutre de perguntas? Ela aposta no pensar? Ela inventa conceitos?

¹ Cerca de 298 mil pessoas com 15 anos ou mais são analfabetas, o que corresponde a 10,5% da população nessa faixa etária (Dados do IBGE, 2023. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD).

Ela ajuda a escutar, a dialogar e a colocar mais atenção nas palavras? (NEFI, 2022, p. 3, Grifos dos/as autores/as).

Esse foi um possível começo do curso, a escrita de uma carta-convite por parte da equipe de professores e professoras do NEFI/UERJ para as pessoas que iriam participar da alfabetização filosófica em Pau dos Ferros. A citação acima é um fragmento da referida carta, nele há ao menos dois movimentos: um primeiro, o de colocar sobre a mesa a questão pelo sentido e significado de uma alfabetização filosófica; já o segundo, o de sustentar uma certa relação com a pergunta, pensar nas perguntas que poderiam estar “encostadas” à questão, se colocar *entre* a questão como quem está no meio do mato sem caminho aparente, à procura de trilhas possíveis para continuar caminhando.

Na carta não se responde à pergunta: o que é uma alfabetização filosófica? Mas, se afirma que há maneiras diferentes de compreender uma alfabetização filosófica. Por outro lado, a equipe do NEFI, inspirada em Simón Rodríguez, fundador da que se diz foi a primeira escola filosófica popular da América, entende que antes de aprender a ler e escrever é necessário aprender a pensar. Assim, uma alfabetização filosófica seria anterior, daria sustento a uma alfabetização do código escrito (NEFI, 2022).

Expressa-se na carta que para o NEFI/UERJ, é importante que o meio e o fim estejam em harmonia, que a forma em que se faz o trabalho educativo seja expressão do que se deseja. Assim, escrevem:

[...] alfabetizarmos filosoficamente filosofando, pensando, perguntando, escutando, estudando, conversando com atenção, amorosidade, cuidado, beleza, entre iguais que se sabem diferentes e querem pensar juntos(as) o mundo que os rodeia. A alfabetização filosófica será tanto o que almejamos, quanto nossa companheira de rota (NEFI, 2022, p. 3).

Dizer que é necessário aprender a pensar não significa que há pessoas que sabem pensar e outras pessoas que não sabem. Pelo contrário, expressa o desejo de desenvolver coletivamente certa relação com o pensamento.

A professora Juliana Merçon, no artigo: *Interculturalidad, sustentabilidad y acción educativa*, ao falar dos processos de aprendizagem coletiva ou formação que geram inconformidade, diz que é a forma o que está em jogo.

La forma como retrato de un instante y la formación como proceso incesante. La forma tanto como constitución de algo y también como su ‘cómo’; cómo procedemos, cómo pensamos, cómo escuchamos, cómo intercambiamos ideas y sueños, cómo construimos alternativas (Merçon, 2020, p. 61. Grifo da autora).

Em diálogo com Merçon (2020), pensamos que se para o NEFI/UERJ é importante que o meio e o fim estejam em harmonia, então é coerente que ao se propor um curso em alfabetização filosófica, que o mesmo se concretize em movimento de uma alfabetização filosófica, filosofando, pensando, escutando, conversando... a pergunta, em primeira pessoa, pela forma parece ser inevitável: Como filosofamos? Como pensamos? Como escutamos? Como conversamos?...

Pode pensar-se que a pergunta pelo “como” está à procura de um caminho “certo”, de um método. De fato, os espaços de formação de professores e professoras costumam estar marcados pelo “como”, o desejo de encontrar um modo de fazer. Isso porque quem está ocupando o lugar de formador ou formadora, na maioria das vezes, acredita que tem um método que pode guiar a prática docente. Ou seja, porque os professores e professoras esperam que lhes seja oferecido um certo “como” – quem sabe se por uma necessidade de ajuda ou de apoio, frente à complexidade do contexto que envolve a prática docente –, apelam para as equipes formadoras *quase* que subjetivamente: “por favor, me diga como faço isto!”.

A palavra método, na sua etimologia, traz consigo a ideia de “caminho”. Se pensarmos que é ao andar que vamos fazendo caminho, então, certamente, toda prática educativa tem um certo método, um caminho que se vai construindo, abrindo-se ou se vai criando ou perpassando-se por diversos caminhos, como que se experimentando, ensaiando-se (Kohan, 2021).

A palavra “método”, em sua etimologia, traz a ideia de “caminho”. Se pensarmos que é ao caminhar que o caminho se cria, então toda prática educativa, inevitavelmente, possui um método – um percurso que se vai delineando, abrindo, criando ou traçando por diferentes trajetos. Esse caminho se forma e se reinventa por meio da experimentação, do ensaio (Kohan, 2021). Ou como diz o poema de Antônio Machado “Caminhante, não há caminho, o caminho se faz ao andar”.

O problema surge quando estamos à espera de um mapa a seguir, de um método preestabelecido ou quando assumimos que temos o método certo e que podemos dizer a outra pessoa por onde e como caminhar. Por um lado, está a crença de que existe uma forma certa e preestabelecida de desenvolver a nossa vida educativa. Quem define o que é certo? Como alguém externo a nós poderia definir como devemos caminhar ou fazer algo? Por outro, está a ideia de que há alguém que sabe - previamente - sem, contudo, conhecer a nossa realidade. Como alguém fora do contexto de nossa realidade educativa cotidiana poderia estabelecer relação com ela e assim elaborar um caminho a ser seguido nessa dada realidade? Realmente isto é possível? Educar, então, seria seguir um caminho que alguém antes estabeleceu?

Paulo Freire (*in* Pelandré, 2014, p. 14) comentou em entrevista quando perguntado sobre o seu método:

[...] preferiria dizer que não tenho método. O que eu tinha, quando muito jovem, há 30 anos ou 40 anos, não importa o tempo, era a curiosidade de um lado e o compromisso político do outro, em face dos renegados, dos negados, dos proibidos de ler a palavra, relendo o mundo.

Ele afirma que prefere assumir que não tem método, com isto não teríamos um “método Paulo Freire”, um mapa oferecido por ele que possamos seguir para alfabetizar ou educar. Mas, nos diz Paulo Freire (*in* Pelandré, 2014), que o que tem motivado o seu andar é a curiosidade e que os sentidos e significados, construídos no seu caminho educativo, estiveram marcados pelo compromisso político com aquelas pessoas que têm sido marginalizadas. Para a equipe de professores e professoras do NEFI/UERJ tais

argumentos parecem fazer sentido. A educação para o NEFI/UERJ é um ato político e a curiosidade uma forma aberta e atenta de estar em relação com o mundo. Ou também poderíamos dizer que a educação é uma certa maneira filosófica de se relacionar com o mundo.

Também Kohan (2012) não propõe um método para pensar as experiências filosóficas do Projeto de Extensão “Em Caxias, a filosofia en-caixa?”² desenvolvido pelo NEFI. Em vez disso, sugere passos que servem como inspiração, aproximando o fazer educativo ao trabalho do artista que, com seus pincéis, tintas e telas, cria uma obra única e original.

Vivenciar a filosofia implica assumir que “[...] tudo pode ser de outra maneira. Se não for assim, não há o que pensar” (Kohan, 2015, p. 217). Neste sentido, como Freire (*in* Pelandré, 2014), uma alfabetização filosófica, em coerência, para ser filosófica, não pode apresentar um caminho único, método certo, porque senão não haveria nela o que pensar. No curso em alfabetização filosófica em Pau dos Ferros, propusemos e acreditamos que podemos encontrar e inventar uma certa maneira coletiva de pensarmos e educarmo-nos juntos e juntas.

Então, não estamos aqui à procura de definir um método. Mas, sim, queremos levar a nossa atenção à forma em como uma equipe de professores e professoras se relaciona com saber, com os seres humanos e não humanos, com os sentidos e significados construídos em contexto, numa experiência específica de alfabetização filosófica. Trata-se de uma errância, de um movimento de tentar perceber, enunciar e destacar o meio, diversos “comos” e formas que possibilitaram e compuseram essa experiência de alfabetização filosófica. Estamos à busca de pensar e incitar o perguntar: O que faz com que uma alfabetização filosófica possa receber esse nome? O que não pode faltar para que ela seja o que está sendo?

A realidade é múltipla e diversa. Apenas, trazemos uma possibilidade de olhar sobre algo que aconteceu, de tornar público, abrir o diálogo, também de formas diversas. Dividimos o presente artigo em quatro momentos. O primeiro, “Enquanto a gente menos planejar melhor!”, falamos dos preparativos anteriores a esta alfabetização filosófica; no segundo momento, “Trata-se de testemunhar certos princípios”, colocamos o nosso foco no trabalho realizado pela equipe do NEFI/UERJ e as pessoas participantes do curso em alfabetização filosófica em Pau dos Ferros, nos princípios guias, na forma em que se buscou vivenciar os assumidos princípios, na intensa relação que se estabeleceu entre Equipe do NEFI/UERJ com as professoras e professores alfabetizadores/as; já no terceiro momento, “Mas primeiro foi preciso sonhar e cuidar com capricho do sonho”, partilhamos o trabalho da 15ª DIREC, as condições materiais/afetivas que tornaram possível a realização desta apaixonante experiência que denominamos de alfabetização filosófica. Finalmente, o último momento, “Para poder prestar contas”, voltamo-nos ao começo, falamos da importância que esta equipe de professores e professoras dá à coerência, de que meio e fim estejam em sintonia.

² Para mais informações consultar www.filoeduc.org.

“Enquanto a gente menos planejar melhor!”

A Equipe do NEFI/UERJ fez uma primeira reunião de forma *on-line* para organizar o que seria um curso em Alfabetização Filosófica. Neste encontro, o professor Walter Kohan, coordenador do NEFI, apresentou a proposta para a equipe convidada/responsável. Partilhou como surgiu a ideia, e qual tinha sido, até o momento, o trabalho prévio realizado pelo grupo de pessoas da 15ª DIREC que estavam organizando o evento. Falou da sua admiração pela disposição da equipe 15ª DIREC para dar todo o suporte necessário.

Neste encontro, surgiu a ideia de escrever uma carta para as pessoas participantes, apresentando a proposta da alfabetização filosófica como um encontro cheio de perguntas, uma viagem para exercitar o pensar coletivo, que iria se construindo coletivamente. Também se falou da expectativa do grupo em receber professores e professoras da Universidade e de como cada um se sentia em relação a tal expectativa. Identificaram-se, como referência, materiais já existentes, construídos pela equipe do NEFI/UERJ, a partir deles se organizou um caderno que se chamou “Caixa de materiais”. Esse processo vivenciado pela equipe do NEFI/UERJ foi, posteriormente, compartilhado pelo Professor Walter Kohan com a equipe da 15ª DIREC.

Neste caderno, estaria a carta convite, a apresentação do caderno, os nomes das integrantes da Equipe do NEFI/UERJ que estariam trabalhando, as metas, a programação, subsídios metodológicos para compor a experiência formativa em alfabetização filosófica e indicações de referências para as leituras que poderiam inspirar nossos pensamentos e também alguns princípios abertos e inspiradores: (1) perguntar: no sentido de reviver a infância como tempo de curiosidade; (2) escutar: estar em atenção a ser mestre da escuta; (3) cooperação: estar em disponibilidade para construir relações de pensamento; (4) tempo livre: um tempo não cronológico destinado ao pensar; (5) igualdade: o empoderamento intelectual. Durante os primeiros momentos do curso em alfabetização filosófica se apresentou o caderno aos participantes, mostrando o que encontrariam nele: elementos, gestos, disposições que o NEFI compreende e que atravessam a prática de *pensar com*, e que, portanto, atravessariam a alfabetização filosófica que estava em composição.

Naquela reunião se definiram duplas ou “pareias” - termo coloquial da linguagem da Região Nordeste para se referir a duas pessoas camaradas que em sintonia fazem coisas juntas – de professores e professoras que iriam trabalhar juntas durante o curso de alfabetização filosófica em Pau dos Ferros. Foram vários os critérios. A partir da composição do grupo, se propôs que a formação das “pareias”, considerasse o critério da diversidade e diferença – uma pessoa do nordeste e outra “estrangeira”, ou seja, advinda de outra região, que os mais jovens estivessem com outra pessoa não tão jovem, que os gêneros fossem diferentes... Ao conversarmos sobre esses critérios, adivinha no diálogo do grupo, um desejo de conexão com as pessoas que participariam do curso, como se o fato de que a “pareia” fosse *atravessada* por certas diversidades sociais pudesse facilitar a conexão com as diversas pessoas que comporiam os grupos de participantes.

Na reunião, também, surgiu a pergunta: “O que vamos fazer?” “Como o faremos?” Se conversou um pouco sobre as “experiências do pensamento”, que é o nome que até

agora se dá no NEFI/UERJ à prática de vivenciar a filosofia, de se reunir - com crianças e/ou adultos – para pensar em comunidade sobre algum assunto (Kohan; Olarieta, 2012). Sobre que textualidades poderíamos usar para provocar este "*pensar com*", de não trazer textos da educação infantil para evitar simbolicamente afirmar o preconceito que associa a alfabetização a um período de idade certa para apropriação do código linguístico. Também surgiram as perguntas: de que maneiras se pode construir uma prática de igualdade, desconstruindo o lugar de saber que historicamente é atribuído aos professores e às professoras universitários/as? Como se tratava de uma alfabetização filosófica para alfabetizadores e alfabetizadoras de pessoas jovens e adultas, se considerou usar fragmentos de textos de Paulo Freire. Também se propôs que cada professor e cada professora levasse imagens, músicas que considerassem que mobilizariam o seu pensar, que evocasse significado para si e que pudessem ser uma maneira de estar presente coletivamente.

Num dado momento da reunião, Walter Kohan diz algo como "quanto menos a gente planejar, melhor!". Alguns sorrisos nervosos se fizeram presentes: "Como assim?, trabalharmos com mais de 200 pessoas sem planejamento?"... a questão veio com outras perguntas em sequência: Por que e para que planejar "o menos possível"? O que possibilitaria isso? O que impossibilitaria o planejar mais? Se é para planejar "o menos possível", igual seria importante preparar-se? Como preparar-se sem planejar ou planejando o menos possível?

Ante a surpresa do grupo, o professor Walter, disse algo como: "Como poderíamos planejar se não conhecemos as pessoas e o contexto no qual iremos trabalhar?" O que afirma que para poder definir o que faremos no encontro educativo, ao menos na perspectiva desta alfabetização filosófica, precisaria ser definido no encontro com as pessoas e no contexto em que se daria tal relação, ou seja, em presença ao grupo de professores e professoras da 15ª DIREC, de Pau dos Ferros/RN.

O que se deseja nas formações do NEFI/UERJ, ao que parece, é estar o mais abertos possível ao encontro em atenção às suas possibilidades presentes. Presentes num duplo sentido, de aquilo que está no aqui e no agora, e de aquilo que nos é dado coletivamente como oferta. Sendo assim, a questão se torna mais ampla: quais são as condições necessárias e/ou suficientes que nos possibilitam estar presentes? Ou "planejar o menos possível" ou "não planejamento" é uma condição necessária e/ou suficiente?

Como se expressa na caixa de materiais e já desde longa data (Kohan; Olarieta, 2012), no NEFI/UERJ, se tem dado lugar à ideia de "composição" em detrimento da ideia de "método", "[...] porque queremos aproximar o fazer educativo ao trabalho artístico. Os materiais, as técnicas, estão ao serviço do músico ou da pintora, mas a criação ultrapassa a técnica, materiais e instrumentos" (NEFI, 2022, p. 8). No caso, se associa o fazer educativo ao fazer artístico, e se admite que se conta com materiais ou textualidades, como já dissemos, e técnicas – como os subsídios metodológicos –, mas que o que acontece no ato do *fazer educativo* é singular e vai para além de qualquer técnica, método e/ou materiais definidos *a priori*. Contudo, o que se propõe não é somente uma mudança conceitual, senão da forma em como se dá a relação com o fazer: o que implica nos colocarmos ante o *fazer*

educativo enquanto compositoras/es, artistas, inventores/as do nosso *fazer*? Que diferenças existem entre um corpo que está planejando e cumprindo um planejamento e um corpo que está compondo/inventando? Quais são as implicações entre corpos que se dispõem a dialogar e, coletivamente, criar suas próprias composições?

Trata-se de testemunhar certos princípios

Na data prevista, sete membros do NEFI/UERJ voaram do Rio de Janeiro até Fortaleza/CE. Foram três horas e meia de viagem. Em Fortaleza, a Equipe vinda do RJ foi aguardada pela professora Ana Frota e a professora Meirilene Barbosa, ambas da Universidade Federal do Ceará. Nos seus carros pessoais, e com mais um carro da prefeitura de Pau dos Ferros/RN, se iniciou o caminho por via terrestre, que teve uma duração de seis horas e muitos buracos pelas rodovias do RN. No caminho, a Equipe ia conversando sobre a formação. Em um dos carros, surgiu a ideia de trabalhar um princípio a cada dia da alfabetização filosófica, tomando como referência os princípios que estavam no caderno de materiais. São eles: (1) Perguntar: reviver a infância como tempo de curiosidade; (2) Escutar: ser mestre da escuta; (3) Cooperação: as relações de pensamento; (4) Tempo livre: um tempo para pensar; (5) Igualdade: o empoderamento intelectual.

Por volta das vinte e uma horas do domingo, dia 05 de junho de 2022, esta parte da Equipe do NEFI chega à Pau dos Ferros/RN. Na segunda-feira, dia 06 de junho de 2022, às oito horas, se iniciaria o curso em alfabetização filosófica na sede da Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFERSA. Na referida cidade, já estavam a professora, que vinha da cidade de Caicó, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e a professora que vinha de Natal, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). O pessoal da 15ª DIREC recebeu a toda equipe, que nesse contexto estava completa. Apresentaram o hotel no qual a equipe ficaria hospedada durante toda a semana e levaram a equipe para jantar.

Em um agradável restaurante em Pau dos Ferros, com fundo musical, a equipe do NEFI voltaria a se reunir, desta vez presencialmente. Foi partilhada a proposta de vivenciar a cada dia um dos princípios propostos no caderno de materiais. Propôs-se iniciar com o princípio da pergunta. Realizar práticas durante todo o primeiro dia em que se cuidasse das perguntas, ouvir o que pergunta uma pergunta, qual é o sentido da pergunta, que perguntas geram uma pergunta. A proposta era buscar uma relação diferente com a pergunta, que não fosse a de lhe dar uma resposta. Já de volta ao hotel, quase à meia-noite, realizou-se uma breve reunião para experimentar o que seria proposto, no dia seguinte, nos grupos de alfabetizadores e alfabetizadoras.

Era um exercício que implicava muita atenção por parte de todos os professores e professoras. Eram diversas as relações que cada professor e professora tinha com as experiências de pensamento que desenvolvem em suas diversas realidades educativas inspirados e inspiradas pela relação que estabelecem com a prática do NEFI: algumas há anos estavam nesta prática; outras estavam começando a conhecê-la. Ao mesmo tempo,

todas, enquanto professores e professoras, comentavam que eram *atravessadas* por esse lugar que parece socialmente atribuído ao professor/professora de ser quem responde às perguntas, ou seja, de ser a “fonte do saber”.

A proposta gerou encantamento e certo nervosismo, risco, parecia estarmos à deriva: apresentar-se ante um grupo de mais de 200 pessoas para romper, no primeiro dia, com a expectativa (que se imaginava poderiam ter as pessoas) de que “os doutores e as doutoras do Rio de Janeiro” lhes dirão como alfabetizar e responderão todas as perguntas. Desde o primeiro dia, a equipe do NEFI/UERJ afirmou que não se propunha a responder, que a proposta seria a de exercitar, em comunidade, o perguntar, a escuta, a infância... algo talvez inspirados/as nas afirmações de:

Tu tens razão, talvez devesse ser este um dos pontos primeiros a ser discutido, num curso de formação com jovens que se preparam para ser professores: o que é perguntar. Insistamos, porém, em que o centro da questão não está em fazer com a pergunta 'o que é perguntar?' um jogo intelectual, mas viver a pergunta, viver a indagação, viver a curiosidade, testemunhá-la ao estudante. O problema que, na verdade, se coloca ao professor é o de, na prática, ir criando com os alunos, o hábito, como virtude, de perguntar, de 'espantar-se' (Freire; Faundez, 1985, p. 22. Grifos dos autores).

Como referido na citação acima, não se tratava de propor um jogo intelectual com a pergunta, senão de vivenciar o perguntar, de espantarmo-nos vivenciando o perguntar e os demais citados princípios. Assim foi feito. Por parte das participantes, em momentos, principalmente nos dois primeiros dias, era perceptível certa ansiedade por não encontrar respostas às perguntas que estavam surgindo. Ao mesmo tempo, as alfabetizadoras e alfabetizadores se detinham no exercício de cuidar de cada pergunta sem respondê-las e tal movimento foi gerando outras percepções. Como diz a professora Eva, integrante da 15ª DIREC e participante de um dos grupos: “[...] é como se tivesse a resposta, mas ao fazer o exercício de não responder e escutar as perguntas que surgem, visse que realmente não tenho a resposta.” A professora Eva comentava isso após três dias de prática intensa.

No primeiro dia aconteceu a abertura do curso em alfabetização filosófica e apresentação da proposta de trabalho no auditório da UFERSA com todas as pessoas cursistas e, seguidamente, se fizeram cinco grupos, cada um cuidado por uma “pareia” de professores e professoras do NEFI/UERJ. Num dos grupos, por exemplo, no início, se pediu a cada participante que se apresentasse com uma pergunta, e se escreveu cada uma delas no quadro (mais de 40!!!). Vejamos algumas: “É possível reinventar o método de alfabetização de Paulo Freire?” “Que êxitos podemos esperar com essa reinvenção?” “Como utilizar os conhecimentos prévios dos/as educandos e a filosofia na construção de uma aprendizagem significativa no processo de alfabetização?” “Como nós educadores/as podemos estimular a permanência dos/as educandos/as no processo de alfabetização?” “Quando aprendemos?” “É possível aprender perguntando? Podemos aprender sem perguntar?” “Será que vou aprender?” “Que caminhos vamos percorrer para alfabetizar?” “Porque as/os alfabetizandas/os com mais idade se acham incapazes de aprender?” Entre muitas outras... Acolheu-se cada pergunta, tomando o tempo para pensar o que cada uma

delas perguntava, estabelecendo possíveis relações entre elas, gerando mais perguntas. Não se respondeu nenhuma delas.

Nos três primeiros dias, circulava um rumor entre as pessoas participantes: “A sexta-feira será o dia das respostas”. Pouco a pouco foram percebendo que tal dia não chegaria. A ansiedade pela resposta foi se transformando em curiosidade compartilhada. Estaríamos, como nos disse Paulo Freire: “[...] mantendo acessa a curiosidade”? Ou como Paulo Freire se apresentou em um dado encontro em Buenos Aires/Argentina:

Não vim aqui, disse eu, para fazer discurso, mas para conversar. Farei perguntas, vocês também. [...]. Houve um silêncio cortado por um deles que falou:

- Muito bem, acho bom assim. Realmente não gostaríamos que você fizesse um discurso. Tenho já uma primeira pergunta.

Pois não, disse eu.

- O que significa mesmo perguntar? (Freire; Faundez, 1985, p. 3).

A curiosidade parecia atravessar a maioria das pessoas participantes: “Agora o que acontecerá?” “Que será que iremos fazer?” Todas pareciam partilhar uma mesma curiosidade, porque também percebiam que os professores e professoras do NEFI não sabiam o que iria acontecer. Esse certo “não saber” coletivo mantinha a todas as pessoas caminhando juntas? O “planejar o menos possível” é também uma forma de colocar a professores/professoras e estudantes em pé de igualdade? De se abrir para fazer, se arriscar a pensar e vivenciar juntas a experiência? De criar e encontrar, coletivamente, na trilha e na brecha, o caminho?

O tempo era outro princípio. Como o professor Walter disse na reunião com o grupo de professores e professoras do NEFI/UERJ, no dia antes de iniciar, “[...] queremos ter a sensação de que estamos perdendo o tempo”. Procurou-se outro tempo que não fosse o tempo cronológico ou produtivo. Como disse uma das pessoas participantes, no quarto dia de encontro: “[...] o tempo que ficamos aqui não é igual aos outros tempos. É como se o tempo lá fora, onde deixei meus filhos e outras coisas para vir para aqui... não existisse... Quando estou aqui, é tão intenso que esqueço tudo... e isso me dá um conforto por ter que deixar tantas coisas para estar aqui...” Esta professora, integrante de um dos grupos, nos fala da intensidade do tempo vivenciado, como parece ser outro tempo, o da alfabetização filosófica, no qual o tempo de fora -que poderia se pensar enquanto produtivo, cronológico - parece ficar suspenso, esquecido.

Cuidou-se dessa vivência do tempo que se queria experimentar. Ao momento de escolher e escutar coletivamente como ou por onde continuar. Em um dos grupos, por exemplo, se procurou lentificar o mais possível todas as práticas que foram se realizando, não ter pressa por terminar, deter-se em cada pergunta, em cada fala, em cada exercício, sem a preocupação do que iria a vir depois... afinal, coerente com o “planejar o menos possível”, não se tinha planejamento algum a cumprir. Isto gerava nas professoras deste grupo ao menos duas sensações: por um lado um certo prazer ou satisfação de não ter pressa, de estar ali liberadas para poder se deter a ouvir e compreender o que cada pessoa estava querendo expressar. Por outro, medo ou preocupação causado por um certo fantasma “nossa, a turma vai achar isso muito chato”. Quando surgia a dúvida de

permanecer na atividade ou mudar, a procura de que atividade fosse supostamente mais atrativa ou produtiva, as professoras/as pensavam: “estamos aqui para perder o tempo”.

Um tempo que insistia em dar lugar ao exercício do perguntar:

Volto a insistir na necessidade de estimular permanentemente a curiosidade, o ato de perguntar, em lugar de reprimi-la. As escolas ora recusam as perguntas, ora burocratizam o ato de perguntar. A questão não está simplesmente em introduzir no currículo o momento das perguntas, de nove às dez, por exemplo. Não é isto! A questão nossa não é burocratização das perguntas, mas reconhecer a existência como um ato de perguntar! A existência humana é, porque se fez perguntando, à raiz da transformação do mundo. Há uma radicalidade na existência, que é a radicalidade do ato de perguntar (Freire; Faundez, 1985, p. 5).

Manteve-se ao longo do tempo, por exemplo, durante todos os dias seguintes, um exercício de escuta, que se experienciou no segundo dia. O exercício consistia em checar o que as pessoas diziam. Cada vez que alguém falava, as professoras e professores procuravam dizer com as suas próprias palavras o que tinham entendido/escutado, perguntando no final: “é isso mesmo?”. Entendendo com Jean-Luc Nancy (2013, p. 163) que escutar “[...] é estar inclinado para um sentido possível e, por conseguinte, não imediatamente acessível.” O exercício exigia das professoras e professores uma certa disposição. Por um lado, exigia disposição corporal, como a de estar inclinada, com o ser à espera do que a outra pessoa dizia; por outro também exigia disposição temporal, assumindo-se que não é necessariamente imediata a compressão do que é colocado em questão pelo grupo. Entendia-se que era preciso dar-se tempo para tentar nos aproximar ao que a outra pessoa dizia. Algo como buscar uma forma de nos aproximarmos de um sentido para a experiência, abrindo-nos para que “[...] essa experiência em gestos, nos permita libertar-nos de certas verdades, de modo a deixarmos de ser o que somos para ser outra coisa para além do que vimos sendo” (Larrosa, 2014, p. 5).

De fato, era perceptível, como essa prática modificou a relação dos/as professoras e professores com o tempo dentro da sala. Fazer o exercício de ecoar o que a outra pessoa falava, fazia com que o tempo vivenciado fosse outro. Não é uma prática habitual: pode parecer uma “perda de tempo” permanecer na compreensão do que alguém disse sem avançar na conversa. Para as professoras e professores deste grupo era essencial que as pessoas participantes percebessem que não se tratava de avançar ou de buscar um objetivo, mas de se gastar, esticar ao máximo o tempo vivenciando o que se considerava importante: escutar e escutar-se. Quando se tratava de exercitar a escuta, como se poderia avançar sem atentar ao que se estava dizendo? Esse exercício, inicialmente provocado pela “pareia” de professoras, foi sendo gradualmente incorporado ao diálogo do grupo de forma espontânea, emergindo entre as participantes. Foi-se gerando um clima no qual, todas foram tendo a segurança e se deliciando com a percepção de que seriam escutadas (Kohan *et al.*, 2023).

Com o princípio da escuta, se assume que todas as pessoas que estavam ali reunidas são interlocutoras igualmente legítimas. Isto como ponto de partida do *pensar com*, porque se trata de um diálogo, e “[...] não há diálogo possível se não cremos que a outra pessoa pode entender o que dizemos (por ser pouco ou nada desenvolvida) ou se

achamos que o que ela tem a dizer não é relevante” (Flor, 2020, p. 37). Da mesma forma que se dialogou e pensou entre a Equipe de professores e professoras do NEFI/UERJ, se fez com as participantes e pessoas da 15ª DIREC. De muitas maneiras, tornou-se visível para o grupo, a percepção de que no espaço da proposta do curso em alfabetização filosófica se desejava construir o comum, igualmente entre todas as pessoas envolvidas, e que a palavra de todas era relevante, não apenas da professora ou do professor.

Por momentos, já no segundo dia, para duas professoras que compunham a “pareia” de uma das salas, parecia possível abandonar o local sem que ninguém percebesse, dado que a maioria estava intensamente envolvida, pensando coletivamente determinadas questões. Isto fazia pensar a equipe do NEFI de que realmente se estava construindo, um espaço-tempo, de cooperação e igualdade. À medida que a intimidade foi se criando, era visível como as pessoas participantes ganharam desenvoltura em suas falas. Elas passaram a apresentar argumentos e contra-argumentos, a se aproximar para sugerir atividades, a propor ideias para compartilhar com o grupo, a sugerir mudanças de horário e a fazer as mais diversas intervenções.

Era observável como as pessoas participantes se sentiam mais à vontade para tirar o calçado, se sentar de forma mais confortável, sair para beber água, demorar um pouco mais para entrar porque a conversa com o colega no corredor estava interessante. Também, chamou atenção, como foram deixando suas marcas espalhadas pelo espaço físico da UFERSA, colando frases que denotavam sobre o que estávamos fazendo: “Você sabia que a escuta salva?” “Existe um tempo dentro do tempo?” Pouco a pouco, muitos corpos eram visivelmente outros, pareciam estar à vontade. A Equipe do NEFI/UERJ estava atenta a todos esses gestos, que compunham, transformavam, criavam e indicavam o caminho pelo qual, junto com o grupo, poderíamos continuar o curso de alfabetização filosófica em Pau dos Ferros.

Para os professores e professoras, foi interessante observar essas mudanças. Por exemplo, como a ansiedade inicial de algumas pessoas participantes por estar “com os doutores e doutoras do Rio de Janeiro” foi se diluindo, permitindo que se sentissem à vontade e “chegassem junto” para pensar. Tratava-se de vivenciar o princípio do qual a formação partia: o da igualdade das inteligências, nos termos de Jacques Rancière (2003). Com ele, o curso em Equipe NEFI/UERJ assume que todos e todas são capazes de pensar. Durante toda a alfabetização filosófica não se trabalhou conteúdos que colocassem aos professores e professoras do NEFI no lugar dos “explicadores ou explicadoras” ou de quem tem alguma verdade a ensinar. O que se buscou, como vimos até aqui, foi propor atividades ou exercícios que abrissem um campo de experiência comum, no qual todas as pessoas pudessem se reconhecer na experiência de pensamento enquanto iguais e diferentes.

Para a escolha dos exercícios a serem propostos para vivenciar/pensar determinado princípio, havia um acordo na equipe NEFI/UERJ: procurar propor, para cada grupo, práticas que, de alguma forma, cada dupla de professoras já tivesse vivenciado anteriormente. Para isso, diariamente – ou em momentos específicos do dia – seja em “pareias” ou com a equipe toda, vivenciava-se aquilo que se pretendia propor, caso ainda não tivesse sido experimentado. Escrevemos “aquilo que se pretendia propor” porque era

apenas uma possibilidade, que, na maioria das vezes, acabava sendo transformada pelos acontecimentos *em ato* no encontro *com* as participantes.

Também, todos os dias, se procurou recuperar coletivamente, em cada grupo, o que no dia anterior tinha-se experienciado. E no final do dia, pensar o que tinha acontecido, como se estava vivenciando a experiência até aquele momento. A equipe NEFI/UERJ, nos intervalos e ao final de cada dia, dedicava-se a pensar a experiência – também em diálogo com o pessoal da 15ª DIREC. Esses momentos eram essenciais para compreender como estava sendo percebida e como estávamos construindo coletivamente a proposta de uma alfabetização filosófica, inspirada nas "40 horas" coordenadas por Paulo Freire (2013) em 1963, em Angicos.

Assim o caminho ia se desenhando a partir do desejo de testemunhar os princípios – aqui e agora –, no diálogo permanente (em palavras, olhares, gestos, afetações) entre as duplas de professoras/professores e as suas turmas (o contexto, espaço, clima), nas noites que se estendiam em longas conversas no desejo de compartilhar sobre o vivenciado durante o dia e nos intervalos, com o restante da Equipe NEFI/UERJ e o pessoal da 15ª DIREC que estava oferecendo generosa e afetivamente as condições necessárias para realizar uma experiência em alfabetização filosófica.

Mas, primeiro foi preciso sonhar e cuidar com capricho do sonho.

Poderíamos dizer que esta alfabetização filosófica começou antes. Quando o professor Walter Kohan, no final de 2021, fez uma viagem de sonhos impossíveis, composta de 100 dias atravessando o Nordeste para comemorar os 100 anos de Paulo Freire. Viagem na qual realizou “[...] exercícios de uma pedagogia menina da pergunta em escolas, universidades, assentamentos, comunidades quilombolas” (Kohan *et al.*, 2023, p. 4). Foi numa das paradas dessa viagem que conheceu, em Pau dos Ferros/RN, a Professora Aparecida Vieira, diretora da 15ª DIREC, com a qual começou a sonhar em reinventar o curso de Angicos/RN, realizado por Paulo Freire em 1963. Após a viagem, ambos se mantiveram em diálogo para cuidar daquele sonho e encontrar uma maneira de torná-lo realidade.

É admirável o trabalho desenvolvido pela Professora Aparecida e pela equipe da 15ª DIREC. Entre todas as regionais do Rio Grande do Norte, foi a DIREC de Pau dos Ferros que conseguiu matricular o maior número de pessoas analfabetas para serem alfabetizadas: 900 pessoas! Esse resultado, segundo a equipe da 15ª DIREC, foi alcançado graças a uma intensa busca ativa, que envolveu visitas de porta em porta, explicando a proposta, conquistando a adesão de cada pessoa e, nos casos de resistência, abrindo-se para ouvir os motivos e buscar, junto com elas, formas de superar os obstáculos apresentados. Assim a equipe ia abrindo brechas, encontrando junto às pessoas as condições de participação.

Ao mesmo tempo, a 15ª DIREC lançou um edital para selecionar as alfabetizadoras e os alfabetizadores. Foram mais de 300 pessoas interessadas, das quais 200 foram

selecionadas. Para prepará-las, foi organizada uma formação de sete dias, sendo os cinco primeiros dedicados à proposta de Alfabetização Filosófica.

Era visível a preocupação da 15ª DIREC em garantir as condições materiais e afetivas que possibilitassem a presença das futuras pessoas alfabetizadoras. A 15ª DIREC disponibilizou transporte, das comunidades vizinhas até a universidade, para as participantes que precisarem. Um *buffet* de comida saborosa, variada e abundante no café da manhã, no almoço e no lanche. Ambos gestos foram, em diversos momentos, agradecidos pelas pessoas participantes. Agradeceram também a 15ª DIREC ter trazido professores e professoras do Rio de Janeiro: para muitas delas, isto era um acontecimento que as faziam sentirem-se honradas.

Com o grande número de alfabetizadoras e alfabetizadores envolvidos, em alguns casos, a 15ª DIREC precisou solicitar diretamente aos respectivos locais de trabalho a liberação dessas pessoas para participarem do curso. Por outro lado, algumas pessoas que trabalhavam de forma autônoma relataram que participar da formação significava deixar de receber durante o período de estudos e, em alguns casos, arcar com os custos de contratar alguém para substituí-las. Apesar desses desafios, a maioria parecia feliz por estar presente, sentindo-se acolhida e amparada pela equipe da 15ª DIREC.

A Equipe do NEFI/UERJ, igualmente, também foi grata pelo cuidado e acolhimento da equipe da 15ª DIREC, a qual garantiu os recursos para custear todas as despesas da formação em alfabetização filosófica. Além disso, organizou o espaço físico destinado à realização do encontro, e providenciou todos os materiais e equipamentos solicitados, tais como: cartolinas, lápis diversos, impressões das cartas, etc. E não só isso, se alguém da equipe estava doente, como de fato aconteceu, estavam atentas para oferecer os cuidados necessários; fizeram questão de convidar a Equipe NEFI a jantar refeições caseiras e tradicionais deliciosas; de disponibilizar o espaço físico da 15ª DIREC para as reuniões noturnas da Equipe, de acompanhar e participar de várias dessas reuniões; de sair a festejar após uma semana encantadora de trabalho.

Outros gestos da 15ª DIREC também foram comoventes: que todas elas participassem da alfabetização sem identificação de cargo ou função, mas exercitando a condição de igualdade junto a todo o grupo. Em cada grupo havia duas ou três pessoas assessoras da 15ª DIREC participando. O cuidado que tiveram na organização da abertura e do fechamento do encontro, as atividades culturais, as pessoas convidadas, na sua maioria, mulheres que dedicam o seu trabalho à educação pública; a cuidadosa decoração do auditório com imagens locais significativas.

Também nos comoveu o gesto de Diná Mendes de Souza, integrante da 15ª DIREC, cantora e compositora, que compôs e apresentou uma música inspirada na carta e no caderno de materiais elaborados pelo NEFI/UERJ. Havia um forte desejo e uma disposição genuína para que as manifestações culturais próprias dos participantes encontrassem espaço no palco. Durante o encerramento, tivemos literatura de cordel, roda de capoeira, apresentações musicais de outros alfabetizadores, recitais de poesia e muito mais, celebrando a riqueza cultural de todas as pessoas envolvidas.

Cada gesto se sentia como uma carícia, que gerava alívio, afetação e alegria. Lembrando que naquele momento, ainda o país estava padecendo um governo federal, que a mais de cinco anos, de forma mais intensa e sistemática, vinha promovendo, realizando e legitimando inúmeras ações contra a vida dos professores e professoras, da educação pública, das pessoas, comunidades e territórios indígenas e quilombolas marginalizadas... O acolhimento oferecido pelas companheiras da 15ª DIREC com tanto carinho, foi como aquele banho de mar ou de rio que revitaliza os corpos e os sentidos.

Em meio a todos esses gestos de cuidado e acolhimento, pensamos sobre as condições materiais e afetivas indispensáveis para que uma alfabetização filosófica possa acontecer. Observamos como cada um desses gestos contribuiu para dar contorno as diversas formas pelas quais se buscaram ou se possibilitaram as condições para o filosofar, para o pensamento individual e coletivo, em movimentos que foram nomeados e desejados como alfabetização filosófica. Parece-nos essencial reconhecer a importância desses gestos e nos questionar: quais condições materiais e afetivas são necessárias para que uma alfabetização filosófica aconteça de fato, comprometida com sua essência?

Para poder prestar contas...

No último dia da formação, as pessoas participantes foram convidadas a escrever uma carta direcionada aos alfabetizando e alfabetizandas com quem trabalhariam em um futuro próximo. Essa ideia surgiu na noite anterior, durante uma reunião com parte da equipe da 15ª DIREC. Pensou-se então: "Teria sentido escrever uma carta para alguém que não sabe ler?" "Daremos algum tipo de direcionamento para a escrita dessa carta?" "Pedimos para começar e terminar com uma pergunta?"

Voltamos ao começo! Começamos? Quais gestos são necessários e propiciadores de começos? Como a Equipe NEFI/UERJ escreveu numa carta convite, antes de iniciar esta alfabetização filosófica, sem mesmo conhecer as pessoas participantes, se propor a cada uma das futuras pessoas alfabetizadoras, que se colocaram no lugar de escrever para aquelas pessoas que iriam alfabetizar e que ainda não conheciam. Nos grupos e de forma individual:

Escrevemos essas cartas e 'perdemos um pouco mais de tempo', fazendo o movimento coletivo e dialógico de pensar qual carta-convite poderia ser compartilhada na plenária final do curso junto aos outros grupos. Esse momento foi por demais especial! Pudemos perceber várias posturas reelaboradas, no entre tempo do Curso, no sentido de ausência de disputa, ou de que 'a minha carta é melhor'; ao contrário, algumas pessoas que desde o início ocupavam o lugar de fala cederam lugar ao outro, numa postura de que podemos aprender e ser juntos/as. Construímos algo comum? (Kohan *et al.*, 2023, p. 18. Grifos dos/as autores/as).

Foram lidas as cartas selecionadas por cada grupo na plenária final, muitas delas marcadas pela emoção do vivido na alfabetização filosófica, a expectativa pelo encontro com o processo educativo que estaria por vir e a pergunta como um convite a "chegar junto". Nesse momento, houve também diversas manifestações culturais e até a realização de um sonho de infância de uma das participantes: o de ser modelo. Ela, motivada pelo seu grupo,

desfilou por todo o auditório. Poderíamos nos perguntar: o que tem a ver realizar o sonho de ser modelo com a filosofia? Ou poderíamos mudar a nossa pergunta: se assumimos com a filosofia que tudo pode ser de outro modo, há sonho que não seja um certo exercício filosófico?

Além disso, nesse momento de encerramento, houve um momento para lembrar cada um dos princípios elaborados pelo NEFI/UERJ e rememorar a forma em que a Equipe percebeu a vivência dos mesmos ao longo da semana em Pau dos Ferros/RN, em 40 horas em alfabetização filosófica. A Equipe tinha afirmado em vários momentos, uma e outra vez, que se algo poderia ser cobrado era coerência. Que gestos, fizeram reviver a infância como tempo de curiosidade; ser mestre da escuta; ter relações de cooperação com o pensamento; desfrutar do tempo livre para pensar e experienciar a igualdade? Pensamos agora, que talvez, naquele dia a Equipe NEFI/UERJ caiu na tentação de responder alguma pergunta. Talvez as pessoas participantes estavam certas, a sexta-feira seria então o dia de encontrar respostas... Neste texto, como dizemos no início, colocamos a nossa atenção nesses gestos, em algum dos “comos” desta primeira experiência em alfabetização filosófica.

O professor Wanderson Flor (2018), na epígrafe que citamos neste artigo, faz referência ao tempo em uma tradição africana. Ele afirma que (1) temos uma responsabilidade com a história que fazemos e nesse sentido, que nós fazemos a história; (2) que essa história é construída no tempo presente; (3) que ela diz do ancestral que seremos, que seremos o passado, a referência para outras pessoas; (4) que é preciso prestar conta dessa história para os ancestrais que estão vivos e para aqueles que não estão mais encarnados.

Essas palavras do Professor Flor (2018) nos convidam a pensar sobre a maneira como a equipe NEFI/UERJ buscou estar e viver essa alfabetização filosófica. A equipe assumiu que todas as pessoas presentes eram co-compositoras do que ali acontecia, reconhecendo que a experiência vivida – como toda experiência? – se dá no tempo presente. Que a forma em como se esteve - enquanto professores e professoras - na alfabetização diz da referência que se seria para as outras pessoas, e que finalmente era preciso prestar contas das maneiras em que se esteve presente.

A Equipe NEFI/UERJ prestou contas não só aos vivos, mas também àqueles que nos precederam. Buscou com a alfabetização filosófica proposta e vivenciada em Pau dos Ferros/RN, em 40 horas, não seguir o “método Paulo Freire” ou criar um método específico para fazer uma alfabetização filosófica, senão inspirar-se na vida do Paulo Freire. Assumindo a educação enquanto um compromisso político, buscando manter viva a curiosidade, a escuta, a cooperação, o pensar, o tempo livre, a igualdade e as perguntas: E agora por onde e como faz sentido continuar caminhando?

Referências

FLOR, W. Temporalidade, memória e ancestralidade: enredamentos africanos entre infância e formação. In: RODRIGUES, A.; BERLE, S.; KOHAN, W. (org.). *Filosofia e*

educação em errância: inventar escola, infâncias do pensar. Rio de Janeiro: NEFI, 2018. p. 585- 597.

FLOR, W. Filosofias africanas no ensino de filosofia: entre metafilosofia e currículo. In: FLOR, W. *Entre apostas e heranças: contornos africanos e afro-brasileiros na educação e no ensino de filosofia no Brasil*. Rio de Janeiro: NEFI, 2020. p. 27-39.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 54. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2013.

FREIRE, P.; FAUNDEZ, A. *Por uma Pedagogia da Pergunta*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

KOHAN, W. Existe o “método Paulo Freire”? In: KOHAN, W. *Paulo Freire: um menino de 100 anos*. Rio de Janeiro: NEFI, 2021. p. 155-168.

KOHAN, W. Visões de Filosofia: Infância. *Alea: Estudos Neolatinos*, v. 17, n. 2, p. 216–226, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1517-106X/172-216>. Acesso: 5 abr. 2023.

KOHAN, W.; OLARIETA, F. *A escola pública aposta no pensamento*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

KOHAN, W.; SALAS, A. C.; FROTA, A. M. M. C.; ALMEIDA, C.; SANTIAGO Jr., J. R.; DIAS COUTINHO, K.; NICODEMOS, M.; CIRINO, M. R. D.; BARBOSA, M. S. A.; CORTÉS, O. P.; BELMONT, P.; LINS, R. R. M. Reinventando a prática alfabetizadora de Paulo Freire: uma experiência de alfabetização filosófica em Pau dos Ferros, RN. *CHILDHOOD & PHILOSOPHY*, v. 19, p. 1-29, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/childphilo.2022.79301>. Acesso em: 10 mar. 2023.

LARROSA, J. *Tremores: escritos sobre experiência*. Tradução de Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

MERÇON, J. Interculturalidad, sustentabilidad y acción educativa; In: MERÇON, J. *Interculturalidade, natureza e educação*. Rio de Janeiro: NEFI, 2020. p. 57-65.

NANCY, J.-L. À escuta (Parte I). *Revista de Literatura| ppgl| ufsc*, Santa Catarina, n. 15, p. 159-172, out. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/2176-8552.2013n15p159/25525>. Acesso em: 10 mar. 2023.

NEFI. Caixa de materiais. Pau dos Ferros. Rio de Janeiro, 2022. Não publicado.

NEFI edições. Disponível em: <http://filoeduc.org/nefiedicoes/editora.php>. Acesso em: 10 mar. 2023.

PELANDRÉ, N. Entrevista com Paulo Freire. *EJA Em Debate*, Florianópolis, ano 3, n. 4. jul. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ifsc.edu.br/index.php/EJA>. Acesso em: 10 out. 2022.

RANCIÈRE, J. *El Maestro ignorante*. Barcelona: Editorial LAERTES, 2003.

Ana Corina Salas Correa

Mestra em Educação (ProPEd/ UERJ). Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Maria Reilta Dantas Cirino

Doutora em Educação (ProPEd/ UERJ). Professora da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.